

MEMÓRIA EM BERGSON, CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

CRUZ; Marlon Messias Santana¹, MARTA; Felipe Eduardo Ferreira²

RESUMO

GT6. DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO: PROCESSOS SOCIAIS, COLONIALIDADES E DECOLONIALIDADES

MEMÓRIA EM BERGSON, CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Resumo

O presente trabalho busca fazer uma relação entre memória, corpo e as práticas corporais desenvolvidas nas aulas de Educação Física no ambiente escolar, para isso o propósito é associar os conceitos de Memória em Bergson com as concepções que serão desenvolvidas no projeto de pesquisa intitulado “Memórias de formação e atuação docente: as contribuições da UNEB – Campus XII para a qualificação da Educação Física Escolar no município de Guanambi - Bahia”, o projeto citado está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O projeto supracitado tem como objetivo, analisar como os espaços de formação acadêmica, desenvolvidos no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, contribuem para a atuação docente em Educação Física dos professores egressos da UNEB – Campus XII. Portanto, a ideia é analisar as experiências de formação docente proposta nos espaços disponibilizados pela universidade, e a ação pedagógica dos egressos do curso de Educação Física, na educação básica, nos municípios da Microrregião de Guanambi-Bahia. Para isso, a relação memória e corpo, segundo o conceito de memória em Henri Bergson, possibilita desenvolver a maneira como se vive. A memória é coletiva, ontológica e psicológica, portanto nas aulas de Educação Física a relação entre memória e cultura corporal implica o corpo em uma articulação para compreender o que é educação em um contexto mais amplo.

Palavras – chave: Memória; Educação Física; Bergson.

Abstract

The present work seeks to make a relationship between memory, body and the corporal practices developed in Physical Education classes in the school environment, for this purpose the purpose is to associate the concepts of Memory in Bergson with the concepts that will be developed in the research project entitled “Memories of training and teaching performance: the contributions of UNEB - Campus XII for the qualification of Physical Education in the city of Guanambi - Bahia”, the mentioned project is under development in the Postgraduate Program in Memory: Language and Society of the State University of Southeast of Bahia (UESB). The aforementioned project aims to analyze how the academic training spaces, developed in the scope of research, teaching and extension, contribute to the teaching performance in Physical Education of professors graduating from UNEB - Campus XII. Therefore, the idea is to analyze the experiences of teacher training proposed in the spaces provided by the university, and the pedagogical action of the graduates of the Physical Education course, in basic education, in the municipalities of the Microregion of Guanambi-Bahia. For this, the relationship between memory and body, according to the concept of memory in Henri Bergson, makes it possible to develop the way one lives. Memory is collective, ontological and psychological, so in Physical Education classes the relationship between memory and body culture implies the body in an articulation to understand what education is in a broader context.

Keywords: Memory; Physical Education; Bergson.

INTRODUÇÃO

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscrz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santana Cruz, fefmarta@gmail.com

Henri Bergson, (1859-1941), foi um filósofo e diplomata francês, prêmio Nobel de literatura em 1927, que se consagrou um pensador da duração (do tempo), ficou conhecido por exprimir em seu nível filosófico um novo paradigma baseado na consciência e na intuição.

A filosofia bergsoniana, está situada na passagem do século XIX para o XX, período com expressa ascendência dos projetos positivistas e cientificistas que exigiam a passagem das certezas científicas pelo crivo da observação direta dos dados e da sua comprovação empírica, conduzindo impreterivelmente à mensuração de toda e qualquer experiência e encontrando o seu desfecho em uma explicação traduzida na relação de causa e efeito. Predomina sobre a ciência, um horizonte determinista que não admite nenhum tipo de arbítrio ou de indeterminação, e este movimento alcança também os fenômenos psíquicos que passam a sofrer um tratamento objetivista e passam a ser alvo de mensuração.

A filosofia bergsoniana, é de certa maneira, a expressão do assombro, da descoberta de que o tempo passa, uma passagem que é conservação, mais de tipo diferente, não é por justaposição, acumulação de instantes do tempo. Aqui se trata do tempo real, “aquilo que se faz e, mesmo, aquilo que faz de modo que tudo se faça”. (BERGSON, 2006, p. 5), um tempo no qual sua passagem não se dá por justaposição, mas por um crescimento interno no qual o passado conserva-se e acumula continuamente no presente que avança ininterruptamente em direção ao futuro: “(...) a duração interior. (...) uma sucessão que não é justaposição, um crescimento por dentro, o prolongamento ininterrupto do passado num presente que avança sobre o porvir” (BERGSON, 2006, p. 29).

As ações se realizam em tempo real e as visões mentais marcadas por paradas virtuais são impossíveis de serem exprimidas em tempo real, haja vista que o tempo real não possui limites, “a imagem viva se apresenta como transmissora de movimento, estando em interação com as demais imagens do plano material. (...) o corpo, (...) se encontra situado entre os movimentos recebidos do mundo externo e os movimentos executados pela face motora” (MACIEL JUNIOR, 2017, p. 34). O tempo denominado por Bergson como duração apresenta uma realidade pulsante, cujas “imagens ou as matérias vivas – das quais as imagens humanas aparecem como exemplares – introduzem no mundo material um intervalo de movimento que as constituem” (MACIEL JUNIOR, 2017, p. 35), mas a simultaneidade dos fluxos não representa a simultaneidade dos instantes. De acordo com o viés bergsoniano, “a partir do momento em que há uma duração, fazemos corresponder ‘porções de duração’ e a uma extremidade da linha uma ‘extremidade de duração’: será esse o instante – algo que não existe realmente, mas virtualmente” (BERGSON, 2006, p. 62). Fato que demanda a espacialização do tempo, já que o instante é mensurado pelo movimento em tempo real e este é aberto e fluido.

Para Bergson a percepção, por mais que seja instantânea, contém uma imensidade de “elementos rememorados” e, conclui que “toda percepção é já memória”, posto que, em geral, a percepção apreende o passado. O filósofo reitera que “sobre este passado nos apoiamos, sobre este futuro nos debruçamos; apoiar-se e debruçar-se desta maneira é o que é próprio de um ser consciente. Digamos, pois, que a consciência é o traço de união entre o que foi e o que será, uma ponte entre o passado e o futuro” (BERGSON, 1974, p.77). O filósofo analisa a consciência como memória e atenção, a memória como “conservação e acumulação do passado no presente” e a “atenção à vida”. Assim, a memória e atenção retêm “o que já não é” e “antecipa o que ainda não é”, faculdades articuladas à percepção consciente, haja vista não existir memória sem percepção e, o espírito ser “fundamentalmente memória” (MACIEL JUNIOR, 2017).

Nesta direção, o corpo é uma dimensão do sujeito que transcende a descrição mecânica independente de concepção científica. Para Bergson (1990), as imagens agem e reagem, umas sobre as outras de maneira determinada por leis da natureza, portanto imagem é matéria, e como tal é identificada como movimento. Todavia, há o corpo vivo, um “objeto destinado a mover objetos, sendo, portanto, um centro de ação” (BERGSON, 1990, p.11).

O PENSAMENTO DE HENRY BERGSON: memória e a filosofia bergsoniana e o diálogo com a Educação Física escolar

Responder aos objetivos de analisar como os espaços de formação acadêmica, desenvolvidos no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, contribuem para a atuação docente em Educação Física dos professores egressos da UNEB – Campus XII, bem como, analisar os processos de apropriação e ressignificação dos conhecimentos disponibilizados na formação inicial dos professores participantes da pesquisa, requer utilizar a memória dos participantes como uma fonte privilegiada de informação e, também, como um recurso metodológico. Portanto, compreender o tempo e a memória na perspectiva de Henri Bergson, possibilita

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santana Cruz, felfmarta@gmail.com

entender as concepções acerca do tempo e do espaço compreendidos como duração e, também, memória. Tempo que implica um sentido de consciência, de tempo vivido e de duração interna se contrapondo à ideia de espaço, que atende a um sentido de tempo espacializado.

Para tanto, torna-se relevante pensar a relação entre memória e corpo associada ao conceito de duração em Bergson, o tempo denominado por Bergson como duração apresenta uma realidade pulsante, cujas “imagens ou as matérias vivas – das quais as imagens humanas aparecem como exemplares – introduzem no mundo material um intervalo de movimento que as constituem” (MACIEL JUNIOR, 2017, p. 35). A duração é uma multiplicidade heterogênea, de diferentes naturezas, contínuas e virtuais, que não podem ser divididas no espaço, como acontece no relógio, porque mudam de natureza ao se dividir (DELEUZE, 1999).

Isso tem relação com o fato de que a memória é um dos esteios das identidades, das singularidades e das particularidades de cada um. São, portanto, suportes do ser no mundo – nos países, nos estados, nas cidades, nas comunidades rurais, nos guetos, nas ruas –, ou seja, são referenciais que tornam os homens e as mulheres sujeitos de seu tempo e de seu espaço, de maneira que não há como desligar ou aniquilar a relação entre o espaço e a memória, já que os dois se supõem.

Portanto, Bergson apresenta a teoria da memória que aproxima a um problema de filosofia cognitiva, diretamente relacionado a um problema de teoria do conhecimento, ou seja, para haver conhecimento tem que haver memória. Contudo, a memória, por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram essa temporalidade que marca suas vidas. Tão logo, lançar mão da memória como recurso para identificar as contribuições da formação inicial na atuação de professores, supõe olhar com cuidado para essa memória que preserva elementos da experiência coletiva, particular e individual.

A implicação desta memória na prática docente em Educação Física diz respeito a sua relação da memória com o corpo em movimento, contudo não se reduz a uma relação entre os conteúdos da Educação Física e as estruturas físicas do cognitivo humano. A memória dá conta de todo o passado dos corpos e dos corpos vivos em movimento (Bergson, 1990). Assim, precisamos compreender que “[...] a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125), é nesse contexto que a relação dos sujeitos e das coletividades sociais com o esporte e o lazer, bem como as diferentes formas de cuidar e se relacionar com o corpo fazem parte da memória socialmente compartilhada, historicamente desenvolvida e coletivamente alimentada.

Uma das referências do presente texto, a obra “Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito” está fragmentada em IV partes: 1-Da seleção das imagens para a representação. O papel do corpo; 2-Do reconhecimento das imagens. A memória e o cérebro, 3-Da sobrevivência das imagens. A memória e o espírito e 4- Da delimitação e da fixação das imagens. Percepção e matéria. Alma e corpo.

Nesta obra, Bergson parte da tese sobre o modo pelo qual temos acesso às nossas lembranças. E inicia demonstrando que não se pode reduzir a matéria à representação que temos dela, nem tampouco, entender a matéria como aquilo que produz em nós representações. Com a noção de imagem, põe em execução seu próprio método filosófico, o método intuitivo, e a partir da ideia de tempo inicia sua reflexão filosófica (BERGSON, 1999).

Em Matéria e Memória, logo na introdução, Bergson afirma que a nossa vida psicológica, varia de acordo com o grau de nossa atenção à vida, e que esta é uma das “ideias diretrizes da presente obra, a própria ideia que serviu de ponto de partida” (BERGSON, 1999, p. 7). Nesse esteio, o filósofo diz, “Chamo de matéria o conjunto das imagens, e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo” (BERGSON, 1999, 17).

Desse modo, percepção seria a ação possível do corpo, ou seja, uma faculdade que está diretamente relacionada com a ação, enquanto, matéria seria um conjunto de imagens. O corpo recebe e atua como mediador das imagens, sendo um tradutor. Para o pensamento bergsoniano, os objetos exteriores ao corpo provocam estímulos no centro nervoso, e que, se modificados também alteram a própria percepção.

É importante ressaltar, que para Bergson, a percepção não é vinculada a produção de um conhecimento puro, ou especulativo, ela diz respeito a ação, isto é, a posicionar nosso corpo a todo momento em relação ao real, sempre considerando a melhor escolha a ser realizada, o cérebro aqui perde a característica de produtor de representações e se apresenta como um comutador, onde os movimentos recebidos do exterior através dos nossos centros perceptivos escolhem por onde se expressarão em movimento (andar, parar, pegar, falar). Mas se nosso corpo é chamado a realizar escolhas, a partir dos movimentos exteriores recebidos, e

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruez@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santana Cruz, felfmarta@gmail.com

consequentemente, executar movimentos não mais automáticos, mas sim escolhidos, parece ser necessário que possamos de alguma maneira ter a nossa disposição todas as nossas experiências passadas que possam em um determinado momento e situação auxiliar-nos na escolha da melhor decisão a ser executada.

Em Bergson, consciência é memória, conservação e acumulação do passado no presente, mas ao mesmo tempo, também é, a partir desta acumulação, antecipação do futuro. A atenção à vida, essa certa espessura da duração, esta espera, composta de nosso passado imediato e nosso futuro iminente, onde ocorre uma indagação do que fazer, para onde ir, o que dizer, essa necessidade de esperar antes de agir, já é consciência (Bergson, 2009).

Portanto esta ação corporal desenvolvida na Educação Física, em especial na Educação Física escolar, é uma atividade corporal consciente, dotada de sentido e significado. Pode-se pensar numa imagem de estudantes entretidos em um jogo, (um dos conteúdos da Educação Física), concentrados no seio das atividades corporais. Estes estudantes correm e realizam muitos outros movimentos, emocionam-se, têm sentimentos, seu metabolismo corporal modifica-se, o contexto do jogo permite a autonomia de movimentos, sem estereótipos, porém podem seguir somente as regras pré-estabelecidas no jogo, desta forma os estudantes fazem desenvolvem suas práticas conforme o estabelecido em suas memórias. Esta concepção dialoga com a memória bergsoniana de dispositivos motores, ou seja, memória de imagens e lembranças. Assim, compreende-se que propor o diálogo das concepções de memória e a atuação de Professores de Educação Física nos permite debruçar na reflexão sobre a formação e atuação docente, isto torna necessário porque a posição que o professor assume a esse respeito tem repercussões imediatas em três âmbitos fundamentais da sua prática pedagógica: do trato com o conhecimento, da formação do pensamento teórico-científico dos estudantes e da avaliação do seu rendimento. Também, porque o reflexo dessa prática pedagógica pode resultar na ampliação do espaço de contestação à função social da escola, ou no fortalecimento da reprodução do status quo, que determinam a forma e o conteúdo dessa instituição.

Assim, para Bergson, a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um "estado virtual", que conduzimos pouco a pouco, através de uma série de planos de consciência diferentes, até o momento em que ele se materializa numa percepção atual, isto é, até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante, ou seja, enfim, até esse plano extremo de nossa consciência em que se desenha nosso corpo. (BERGSON, 2006).

Mas qual é o modo que permite esse desenvolvimento vital acontecer? É o repouso? A manutenção de uma existência isolada, parada, diminuída de todas as suas potências? Isto é, de poder viver plenamente, com todas as condições de se movimentar-se, e aqui, a palavra movimento ganha outro significado além da física newtoniana, ou das leis da mecânica, movimentar aqui não é exclusivamente andar, percorrer uma trajetória física, movimentar também é poder exercer escolhas, ser livre, usar de sua consciência/vida de modo a poder exercer o divino poder de criar suas próprias decisões, enfim inserir no real, na realidade, ações imprevistas e imprevisíveis, e não fruto da mera repetição de atos, gestos, palavras, condicionantes sociais, históricas, científicas.

Portanto, para Bergson, a memória do corpo é uma memória praticamente instantânea em que a memória do passado serve de base, ou seja, a memória do corpo é uma ponta móvel investida pela memória do passado, há um mútuo apoio: o homem de ação convoca o auxílio de todas as lembranças relacionadas a uma situação dada, mas surgem as lembranças inúteis e indiferentes. Ao contrário do homem de ação, há dois tipos de homens inaptos para a ação: o homem impulsivo responde a uma excitação imediata e vivida no presente puro através de uma reação que se prolonga, e o homem sonhador que vive no passado por prazer, cujas lembranças não têm proveito para a situação atual.

A nossa percepção esboça a ação possível de nosso corpo sobre os outros corpos, mas nosso corpo tanto age sobre si como age sobre outros corpos. Perceber consiste em separar, do conjunto dos objetos, a ação possível de meu corpo sobre eles. Em nossa percepção entra algo de nosso corpo, todavia, são sobre os outros corpos circundantes e separados de nós por um espaço considerado, que vai haver o afastamento que mede as ações possíveis, promessas, ameaças que desenharam apenas ações possíveis. Quanto mais a distância diminui mais a ação possível torna-se real. Assim, "quanto mais me esforço por recordar uma dor passada, tanto mais tendo a experimentá-la realmente"; a lembrança não é sensação: "o absurdo vem à tona: decrescendo a intensidade de uma sensação e não aumentando nem diminuindo a intensidade da lembrança pura, uma dor intensa que experimento acabará diminuindo, por ser uma grande dor rememorada"; além do mais, a lembrança está para o

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscrúz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santana Cruz, felfmarta@gmail.com

passado assim como a percepção/sensação para o presente, “existindo bem mais entre eles que uma diferença de grau: meu presente é o que vive para mim e me impela à ação, enquanto meu passado é essencialmente impotente” — portanto, lembrança e percepção/sensação diferem em essência. (Bergson, 2006).

Através desta construção, Bergson retira a imagem da consciência e a coloca na matéria. E ao fazer isso, ele diz que a diferença entre a imagem física e a imagem percebida pelo ser vivo é tão somente uma diferença de grau (o ser humano percebe a imagem física e subtrai aquilo que não lhe interessa), ou seja, a operação perceptiva do ser vivo é de subtração. A percepção natural é uma percepção interessada, o ser humano percebe as coisas a partir de um determinado interesse.

A percepção se encontra relacionada com a ação e é entre a percepção e a ação que Bergson situa a consciência. A consciência teria dupla função: analisar os estímulos que vem do mundo externo e selecionar dentre as respostas possíveis a resposta mais eficaz para reagir ao estímulo. Assim, a consciência seria órgão de análise e seleção, e essa dupla operação ocorre no intervalo de movimento existente entre a percepção e a ação.

Em uma abordagem de cunho metodológico, Soares e Crusoé (2017) ampliam o conceito de memória no sentido de abarcar elementos que constituem as lembranças e os fragmentos. Para as pesquisadoras, o uso da memória constitui importante instrumento metodológico no sentido de incorporar a versão dos sujeitos que até então estavam desprivilegiados, marginalizados e aliados da história oficial. Tais sujeitos, lamentavelmente, continuam amargando a invisibilidade na avaliação dos serviços públicos e também no planejamento das ações das políticas públicas. Tais processos guardam relação, entre outras coisas, com a desvalorização da memória, da experiência, das identidades, das territorialidades – uma questão que a história oral e os estudos da memória tentam reparar.

Mas, para Bergson (1990), a memória ontológica torna-se memória psicológica para ser o presente, diz respeito ao tempo que decorre, não do tempo espacializado do relógio que se divide infinitamente para poder explicar o que acontece na vida, mas o tempo que dura na realidade concreta, não um tempo instantâneo, cronológico, descontínuo mas sim, um tempo que é “fluxo”, um tempo conceituado por Bergson como duração, portanto as ações se realizam em tempo real e as visões mentais marcadas por paradas virtuais são impossíveis de serem exprimidas em tempo real, haja vista que o tempo real não possui limites.

Isso coloca o uso da oralidade como ponto fundamental na elaboração da trajetória da memória social como objeto de investigação que possibilita, em última instância, uma nova inteligibilidade do passado recente, uma vez que essa perspectiva explora as relações entre memória e história, ao romper com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer, de forma inequívoca, que o passado é construído segundo as necessidades do presente, chamando a atenção para os usos políticos do passado (ALBERTI, 1990, p. 16).

O uso da memória na pesquisa é fundamental, uma vez que permite escutar os professores o que eles trazem de memória da formação, na atuação profissional em Educação Física. Essas possibilidades do uso da memória têm relação com a necessidade de conhecer formas de organização, pois conforme a concepção de Bergson, (1999) observa-se que sua proposta de reflexão começa a partir da leitura do mundo através de imagens, sons e a apreensão desse mundo através do corpo.

Na escola, a Educação Física articula a relação memória-corpo, para atender as demandas das concepções vigentes de realidade social. Portanto, é necessária uma profunda articulação entre a memória social que envolve a educação física para compreender as identidades e as memórias compartilhadas, alimentadas e construídas que fazem parte do universo da área. De modo que é possível observar como esses fenômenos sociais operam para a construção de um certo sentimento de pertencimento social, uma sociabilidade afetiva e uma comunidade integrada.

Sendo assim, a concepção de Bergson (1999) propõe que na existência de uma memória pura, inalterável, que se contrapõe à percepção ou até mesmo lembrança, ainda que nenhuma se determine isoladamente, Bergson afirma que a matéria fluente, apesar da percepção humana, não alcança essa fluência e a matéria é o conjunto de imagens móveis.

Um ponto importante da filosofia bergsoniana é não confundir a diferença de natureza com a diferença de grau. A diferença de grau é diferença material, numérica. Já a diferença de natureza é diferença qualitativa, temporal, que só pode ser alcançada através da intuição. Dessa forma, o método da intuição se torna um método de

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruez@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santana Cruz, felfmarta@gmail.com

divisão, e, para Bergson, sendo o homem a combinação de matéria e memória, há nele diferença de natureza e diferença de grau.

Para Bergson, quando queremos relembrar algo, destacamo-nos do presente através de um salto para nos localizarmos inicialmente em um passado em geral, e posteriormente numa região específica do passado. Ele explica que a rememoração ocorre em um salto ao passado para atualizar o que se busca rememorar, ou seja, na rememoração vamos do passado ao presente e não o contrário, o *ser* salta no seio do virtual e atualiza a lembrança presente.

Uma vez que o passado se conserva em si, enquanto o presente sempre passa, todo o nosso passado coexiste com o nosso presente. Bergson então explica que os intervalos de coexistência entre o passado e o presente possuem diferentes níveis de profundidade, mas cada um deles compreende toda a totalidade do passado, que pode estar mais dilatado ou contraído, mais próximo ou mais distante do presente. Dessa maneira, o reconhecimento do passado nas imagens-lembrança e a projeção do presente em imagens-ação fazem de nosso corpo uma máquina capaz de ora lembrar e identificar fatos e acontecimentos, ora produzir e encenar nossa vida sobre as imagens. Desse processo comunicativo podemos entender nossa memória como passado e presente coexistente.

Diante deste contexto, Bergson concebe a memória dizendo que esta não é psíquica, e sim ontológica. Que a memória não está na matéria, que ela não é um lugar, que, na verdade, memória é tempo. Para o filósofo francês, a memória é mobilidade e criatividade, é o que une o mundo material e o mundo espiritual, e que entre a percepção e a lembrança não há uma diferença de grau, mas uma diferença de natureza.

Assim, a instantaneidade acarreta na continuidade do tempo real, tempo de duração e um tempo espacializado “que comporta pontos, ricocheteia no tempo real e faz surgir nele o instante” (BERGSON, 2006, p.62). Instantes que são simultaneidades “mas seguem sem apreciar o que se passa durante os intervalos” (BERGSON, 1999, p. 57); o instante é uma relação entre o espaço e o tempo, nomeado por simultaneidade, é a existência de um tempo uno, impessoal e universal, por exemplo, “quando estamos sentados à beira do rio, o escoamento da água, o deslizamento de um barco ou o voo de um pássaro e o murmúrio ininterrupto de nossa vida profunda são para nós três-coisas diferentes ou uma só, como se queira” (BERGSON, 2006, p.78).

O passado é tempo, é uma dimensão real do tempo coexistindo com o presente, e o presente é matéria. Em Matéria e Memória, o tempo é entendido como passado puro, ou seja, uma pura virtualidade. E as lembranças quando não atualizadas na consciência estão no tempo, como pura virtualidade.

Bergson, então explica que a função do reconhecimento é fundamentalmente orgânica, que o ser humano reconhece para poder agir. E que há duas formas de reconhecimento: um reconhecimento hábito e um reconhecimento atento. No reconhecimento hábito o ser humano reconhece agindo, é um reconhecimento automático. No reconhecimento atento o ser humano reconhece lembrando, ou seja, evoca uma lembrança do passado para reconhecer algo no presente, sendo acionado quando o *ser* não sabe, com facilidade, reagir a situação, aqui uma imagem-percepção é recoberta por uma imagem-lembrança. A lembrança-pura é real e virtual, ela está no tempo, já a imagem-lembrança é psíquica, é a lembrança pura tornada consciente. A imagem-lembrança está no cérebro, já a lembrança pura se conserva no tempo, porque o tempo passado não deixou de existir, o que deixa de existir é o presente que passa. O passado não passa, o passado conserva, o passado é, e será revivido na forma de lembranças, pois as lembranças se conservam no tempo.

Desse tipo de imagem a que Bergson chamou de imagens-lembrança identificam-se apenas a parte inteligível da relação com os objetos, onde, ao invés de experimentarmos as imagens, as identificamos, tentando recuperar sua utilidade em nossas vidas. Portanto, das imagens-lembrança nascem o nosso reconhecimento dos objetos. A consciência de um passado que registra nossas ações está ligada a uma necessidade de remontar nossas percepções. Como foi dito anteriormente, entendemos o corpo pelas possibilidades que nossos sentidos podem obter das imagens exteriores a ele.

Assim, identificamos um outro tipo de imagem, que não apenas reconhece por hábito uma atividade passada de nossa vida, mas que recria esse passado: as imagens-ação. Das imagens-ação, esperamos sempre ter uma atitude voltada para o presente, que tem a memória como uma forma criadora do passado. Bergson, então pensa a memória de duas maneiras, primeiro como memória de lembranças, sendo a evocação do passado através da rememoração, memória como imagens e lembranças e segundo, como memória contração, que pensa o presente como o grau mais contraído do passado, sendo o ser humano um condensado de memória.

Dessa forma, o autor define dois planos principais de atuação da memória: o plano da ação (plano em que o

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscrúz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santana Cruz, felfmarta@gmail.com

corpo contraiu seu passado em hábitos motores) e o plano da memória pura (em que o espírito conserva em todos os detalhes o quadro da vida transcorrida). Através desse grau variável de tensão da memória, de seu duplo movimento entre seus limites extremos, ocorre o movimento entre a ação e a representação. O corpo é o último plano da memória, a imagem externa, a ponta movente que o passado lança a todo o momento em direção ao futuro.

Assim, a memória para Bergson não se reduz ao ser humano e ao cérebro, pois o virtual é um potencial. Ou seja, o cérebro atualiza o virtual, atualiza lembranças, mas o cérebro não é o virtual, pois o virtual puro não é lembrança. Ele propõe não pensar o passado a partir da vivência, mas pensar a vivência a partir do passado. A duração é o impulso vital, uma vez que é da essência do virtual realizar-se. Na tese da conservação do passado em si, essa conservação é a própria duração, e a duração é memória. O passado não sobrevive psicológica ou fisiologicamente no cérebro, pois ele não deixou de ser, ele apenas deixou de ser útil, e sobrevive em si. Bergson então diz que tudo dura, e cada duração pulsa num ritmo próprio, mas se tudo dura, tudo partilha mais ou menos dessa grande duração que é uma gigantesca memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na memória, encontram-se as lembranças, que podem ser espontâneas, aquelas que o tempo não pode acrescentar nada à sua imagem e nem desconfigurá-la, e as lembranças aprendidas, aquelas que sairão do tempo à medida que lições forem tiradas delas. Para Bergson (1999, p.14), não cabe ao corpo armazenar lembranças, e sim escolher para trazê-las à consciência em forma de imagens, “Fazer do cérebro a condição da imagem total é verdadeiramente contradizer a si mesmo, já que o cérebro, por hipótese, é uma parte dessa imagem”.

Ao propor essa ideia, Bergson faz alusão ao corpo e ao espírito, pois corpo nada mais é que parte da matéria, assim a percepção não poderia vir do cérebro, pois ele também é uma imagem como as outras as quais se encontra envolvido, já que, conforme Bergson (1999), a lembrança se torna o ponto de interseção entre o espírito e a matéria.

Construir uma perspectiva de estudos direcionada aos escritos de Bergson não é uma tarefa simples, suas obras buscaram na filosofia formas representativas de propor um novo paradigma baseado na consciência. Dessa forma, direcionou seus estudos para quatro ideias fundamentais que buscam o conhecimento interior e se opõem ao conhecimento advindo da inteligência. São elas a intuição, a duração, a memória e o *elã* vital, conceitos estes que tecem críticas ao determinismo e à “coisificação” humana, assumindo uma ideia mais complexa firmada na coexistência de todos os graus de diferença.

Na memória, encontram-se as lembranças, que podem ser espontâneas, aquelas que o tempo não pode acrescentar nada à sua imagem e nem desconfigurá-la, e as lembranças aprendidas, aquelas que sairão do tempo à medida que lições forem tiradas delas. Para Bergson (1999, p.14), não cabe ao corpo armazenar lembranças, e sim escolher para trazê-las à consciência em forma de imagens, “Fazer do cérebro a condição da imagem total é verdadeiramente contradizer a si mesmo, já que o cérebro, por hipótese, é uma parte dessa imagem”.

Ao propor essa ideia, Bergson faz alusão ao corpo e ao espírito, pois corpo nada mais é que parte da matéria, assim a percepção não poderia vir do cérebro, pois ele também é uma imagem como as outras as quais se encontra envolvido, já que, conforme Bergson (1999), a lembrança se torna o ponto de interseção entre o espírito e a matéria.

Mesmo diante deste cenário, a produção acadêmica em Educação Física, que dialogam com as teorias da Memória, buscam propor sugestões para uma saída desta crise, portanto contribuem significativamente como auxílio na formação e atuação de professores. Porém, ainda é necessário avançar na qualificação das produções, para que estas propostas se concretizem no cotidiano escolar, para assim reconfigurar, de forma eficiente, a práxis pedagógica dos professores.

Construir uma perspectiva de estudos direcionada aos escritos de Bergson não é uma tarefa simples, suas obras buscaram na filosofia formas representativas de propor um novo paradigma baseado na consciência. Dessa forma, direcionou seus estudos para quatro ideias fundamentais que buscam o conhecimento interior e se opõem ao conhecimento advindo da inteligência. São elas a intuição, a duração, a memória e o *elã* vital,

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santana Cruz, fefmarta@gmail.com

conceitos estes que tecem críticas ao determinismo e à “coisificação” humana, assumindo uma ideia mais complexa firmada na coexistência de todos os graus de diferença.

A memória enquanto substância da sobrevivência humana torna-se fundamental, já que faz parte das construções das identidades, singularidades e das particularidades de cada sujeito. São, portanto, suportes do ser no mundo, são referenciais que tornam os homens e as mulheres sujeitos de seu tempo e de seu espaço, de maneira que não há como desligar ou aniquilar a relação entre o tempo/espaço e a memória, já que os dois se supõem.

A memória enquanto substância da sobrevivência humana torna-se fundamental, já que faz parte das construções das identidades, singularidades e das particularidades de cada sujeito. São, portanto, suportes do ser no mundo, são referenciais que tornam os homens e as mulheres sujeitos de seu tempo e de seu espaço, de maneira que não há como desligar ou aniquilar a relação entre o tempo/espaço e a memória, já que os dois se supõem.

A Memória, por sua vez, como suporte teórico e área de conhecimento científico, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade que marca suas vidas. Tão logo, perceber como estas experiências implicam diretamente nas atividades cotidianas, bem como, supõe olhar com cuidado para essa Memória que preserva elementos da experiência coletiva, particular e individual.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

MACIEL JÚNIOR, Auterives. O todo aberto: duração e subjetividade em Henri Bergson. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2017.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: editora 34, 1999.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 03-15.

SOARES, C. C. M.; CRUSOÉ, N. M. C. **O uso da memória como metodologia de pesquisa em educação** In: AMADO, J.; CRUSOÉ, N. M. C. (Orgs.) Referenciais teóricos e metodológicos de investigação em educação e ciências sociais. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Educação Física, Bergson

¹ Universidade do Estado da Bahia - Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, mmscruz@uneb.br

² Universidade Estadual do Sudoeste Baiano - Universidade Estadual de Santana Cruz, fefmarta@gmail.com